



APRESENTAÇÃO



A figura de Jacopo Ortis é o retrato de uma geração ferida em seus ideais, quando os italianos “lavavam as mãos no sangue dos italianos”. É o canto de cisne de um mundo que morreu antes mesmo de nascer, consumado nos sonhos de liberdade que imediatamente naufragaram. Eis a matéria deste romance epistolar, parcialmente biográfico, nas cartas e leituras que marcaram seu autor, que vão de *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, a *A nova Heloísa*, de Rousseau. *As últimas cartas de Jacopo Ortis* é um livro moço, cheio de furor, sem meias-tintas, entre tudo ou nada, sem hesitação e cálculo, diante do abismo para o qual se encaminha com desassombro.

O autor, Ugo Foscolo, respirou os ventos de liberdade e insubmissão projetados em Napoleão Bonaparte, que desce à Itália com a promessa de pôr fim às tiranias locais. Tempos de entusiasmo para o poeta, que sonha com uma Itália viva e independente, onde o orgulho do passado empreste sentido heroico aos tempos que correm.

O sonho, todavia, se desfaz com o Tratado de Campoformio, de 1797, por meio do qual Napoleão cede Veneza para a Áustria. Com o fim das esperanças, não resta a Ugo senão abandonar a cidade, fixando-se nas colinas próximas de Pádua, nos bosques por onde passou Petrarca. Ugo flertava com a glória, devastado por amores dolorosos, meditando a morte e a solidão profunda em que se encontrava.

Assim como Foscolo, o personagem Jacopo Ortis também se desilude com Bonaparte e busca refúgio numa pequena aldeia perdida nas colinas Eugêneas, na Itália. Lá, vem a conhecer Teresa, pela qual se enamora perdidamente num ambiente paradisíaco. Amor correspondido que se resume no primeiro e último beijo, porque o senhor T***, pai de Teresa, à beira da ruína financeira, arranjara o casamento da filha com o marquês Odoardo.

Ferido duplamente, no amor e na política, Ortis decide peregrinar pelas cidades da península, num percurso revestido de grande simbologia, dentro de uma Itália que ainda não existe. Se o presente lhe foge das mãos, nas derrotas infligidas, o passado é depositário de esplêndidos tesouros, capazes de dar-lhe alguma espécie de consolo.

Visita o túmulo de Dante, em Ravena, poeta igualmente exilado, que legou à posteridade uma pátria linguística e poética. Vai aos sepulcros dos grandes vultos, na igreja de Santa Croce, em Florença, bem

como, em Milão, visita o de Giuseppe Parini, uma das maiores reservas morais e poéticas daquela época, que, profundamente cético acerca dos destinos da Itália, censurava “as paixões lânguidas e degeneradas numa indolente e vergonhosa corrupção: não mais a sagrada hospitalidade, a benevolência, o amor filial...”.

Se *As últimas cartas de Jacopo Ortis* guarda semelhanças com *Werther* e *Heloísa*, não passam da superfície narrativa. É outro o cenário de Foscolo, em que tudo transpira exílio e morte, em que a política não se deixa absorver pela esfera dos sentimentos. As correntes frias da História dissolvem o presente, revelando o efêmero do que somos e do que nos cerca.

Jacopo Ortis escreve a certa altura: “Não sei nem por que vim ao mundo, nem como, nem o que é o mundo, nem o que eu mesmo sou para mim.” Traço metafísico de quem busca “em vão medir com a mente estes imensos espaços do universo que me circundam”, assim como faria pouco depois a poesia de Giacomo Leopardi, que, tal como Ortis, se depara também com “infinitos por toda parte”, que o “absorvem como um átomo”.

Este belo conjunto de cartas abriu um horizonte novo na literatura do nascente século XIX, narrativa que responde em cheio a questões de ordem política e poética, a cujas páginas se voltaram os jovens da geração seguinte, que lutaram para a unificação da Itália.

MARCO LUCCHESI